

41.

A Antiguidade Tardia em Mértola, balanço das novas descobertas arqueológicas

VIRGÍLIO LOPES

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA E BOLSEIRO DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Resumo

Nos meses de junho e julho de 2013 a equipa do CAM procedeu a uma escavação arqueológica na encosta do castelo de Mértola. Esta trabalhos tiveram com objetivo a compreensão da sequência ocupacional daquela área. Esta intervenção inseriu-se nos estudos realizados no quadro do Doutoramento em “Patrimonio Histórico y Natural, Investigación, Protección, Difusión y Didáctica”, que realizei na Universidade de Huelva sob a orientação do professor Juan Manuel Campos Carrasco. E que contou com o apoio de uma Bolsa de Doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia entre maio de 2011 e outubro de 2013¹.

Abstract

During June and July of 2013 the CAM team, held an archaeological excavation on the hill-side of Mértola’s castle. The aim of this work was to understand the occupational sequence of the area. This intervention was part of the studies carried out in the framework of the PhD in “Historical and Natural Heritage. Investigation, Protection, Diffusion and Teaching”, which was performed at the University of Huelva under the guidance of Professor Juan Manuel Campos Carrasco. This study also had the support of a PhD Scholarship awarded by the Foundation for Science and Technology between May 2011 and October 2013.





Fig. 1.

A ESCAVAÇÃO

A plataforma intermédia da encosta do Castelo de Mértola foi alvo de trabalhos arqueológicos, que decorreram durante os anos 80 do século XX, apesar das escavações arqueológicas se terem centrado na parte da necrópole medieval e nos vestígios do bairro islâmico. Dos vestígios arqueológicos do período islâmico faziam parte duas fossas sépticas que foram abertas em profundidade². O espólio cerâmico proveniente destas estruturas foi estudado por S. Macias que o datou “entre meados do século XI e meados do século XII” (Macias 1992: 32). Na planta publicada pelo mesmo autor registava, a uma cota mais baixa que as estruturas islâmicas, a existência de elementos de construções diferentes sobre o ponto de vista construtivo (Macias 1992: 28, mapa 1) nas quais se deixava antever vestígios de silhares, fustes de mármore e placas de calcário (Fig. 1).

Depois de se ter efetuado a limpeza e o registo das estruturas islâmicas

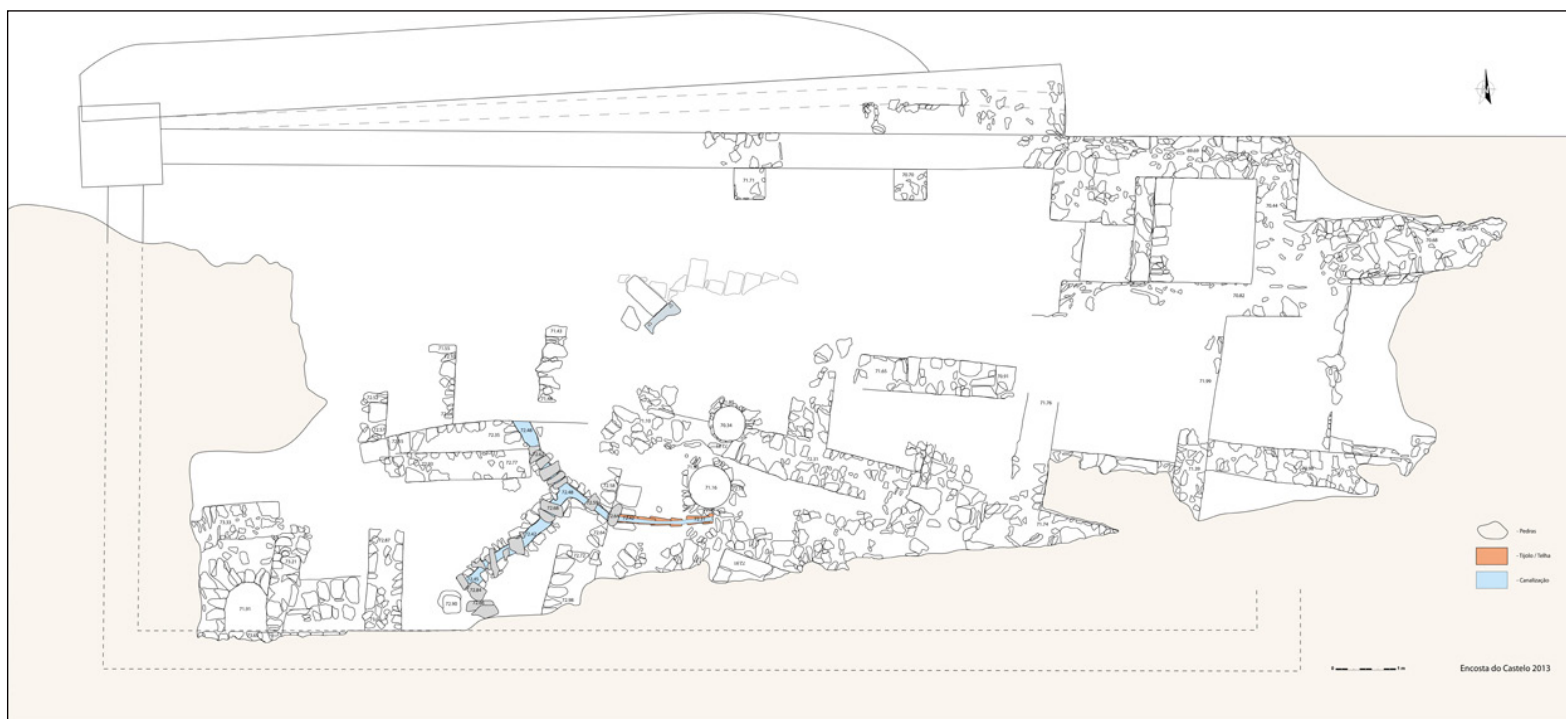


Fig. 2.

procedeu-se ao seu desmonte progressivo. Paralelamente procurámos desenvolver o trabalho arqueológico em área, o que implicou a escavação das sepulturas da necrópole pós-reconquista, e em profundidade (Fig. 2). Depois da remoção das estruturas islâmicas, que apresentavam vários momentos de ocupação, a sequência estratigrafia revelou uma espessa camada, constituída por blocos de lajes de xisto ligadas por argamassa, que foi interpretado com sendo o derrube de uma estrutura que, pontualmente se encontrava interrompido pelas fundações das estruturas islâmicas. Contudo, nas áreas seladas pelos derrubes, verificou-se que, abaixo destes, os níveis eram constituídos por fragmentos de *tegulae* e de *imbrices* e, ainda, restos de pedras com vestígios de argamassa.

Entretanto, com o decorrer da escavação em profundidade, começa a definir-se uma estrutura octogonal que, em quatro dos seus lados, estava capeada com silhares de mármore. Procedeu-se à escavação simultânea do interior e do exterior da estrutura tendo, na parte exterior, por debaixo dos níveis dos derrubes da cobertura, sido identificados diversos fragmentos de estuques com restos de pintura e fragmentos de fustes de colunas de mármore.

No interior do octógono verificaram-se duas situações distintas: na parte situada a oeste os níveis islâmicos desenvolveram-se em profundidade e prolongaram-se até à cota do último degrau, tendo espoliado as placas de mármore que capeavam a estrutura em *opus signinum*, que apresentava um elevado grau de dureza; na parte este da estrutura octogonal a estratigrafia era constituída por tijolos, fragmentos de estuques e elementos de cancelas de mármore. O último nível da estrutura octogonal era constituído por terra e restos de fragmentos de cancela. Paralelamente, foi escavado o nicho retangular, situado ao centro, do lado norte do octógono. A escavação desta área veio a revelar, exteriormente, uma estrutura com a forma de meio círculo, argamassada nas suas duas faces, e uma secção de cancela localizada *in situ*. O interior deste espaço encontrava-se colmatado com fragmentos de cancela, tijolos e *tegulae*. O fundo desta estrutura era argamassado, formando uma ligeira concavidade no centro. Em cada um dos lados do nicho foram registados restos de duas chapas de ferro embutida na estrutura de *opus signinum*, possivelmente relacionadas com a sustentação de uma outra cancela que se localizaria paralela à que se encontra *in situ*.



Fig. 3.



Fig. 4.

O edifício, onde se insere esta estrutura octogonal, apenas foi parcialmente escavado, no entanto, os elementos existentes permitem-nos estimar as suas dimensões interiores: comprimento máximo 23 m e largura 7,75 m. A sul, o edifício conserva um muro com 60 cm de largura e com um alçado de 2,74 m e, no lado oposto, um muro com cerca de 55 cm de largura, que se prolonga por uma extensão de 19 m. A norte desenvolve-se um outro muro com uma largura de 80 cm e que possui reboco na parte interior. Embutida entre estas duas estruturas desenvolvia-se uma canalização, de forma retangular, que termina numa construção com três degraus situados a um nível superior.

O limite este foi parcialmente destruído no entanto, a limpeza das áreas anteriormente intervencionadas, e a escavação em profundidade realizada durante o mês de julho, pôs a descoberto vários compartimentos paralelos. O espaço central é mais comprido que o anterior, não tendo a escavação arqueológica revelado a sua largura. Contudo, a centralidade deste compartimento, o aparecimento de duas bases de coluna e um fragmento de cancela sugere poder tratar-se do local da implantação do altar.

A piscina tinha uma largura exterior máxima de 4,80m (incluem-se aqui as estruturas laterais do absidiolo com cancela), sendo a largura média exterior nas restantes paredes de 4,63m. O interior apresenta uma largura média de 3,25 m. A profundidade máxima é de 1,52 m, sendo de 1,16 m de profundidade até ao orifício do desaguo. Interiormente estrutura-se em degraus com distinta altura³, mas que mantêm a forma interior octogonal. O fundo da pia é constituído por duas placas de mármore que formam um octógono irregular (Figs. 5 e 6).

A existência de uma grande quantidade de tijolos e frescos no interior do tanque e na zona exterior situada a sul, leva a considerar três hipóteses interpretativas: ou se trata de uma estrutura de cobertura do tanque, de tipo baldaquino, que poderia ser revestido interiormente com frescos; ou a possibilidade de que o edifício fosse coberto com uma abóbada e os frescos terem feito parte da decoração pois, grande parte dos fragmentos, apresentam ligeiras concavidades o que indicia terem pertencido a uma estrutura curva. No entanto, refira-se que os muros que delimitam o edifício, situados a sul e norte, onde eventualmente a abóbada poderia assentar, não parecem ter as dimensões apropriadas para sustentar este tipo de

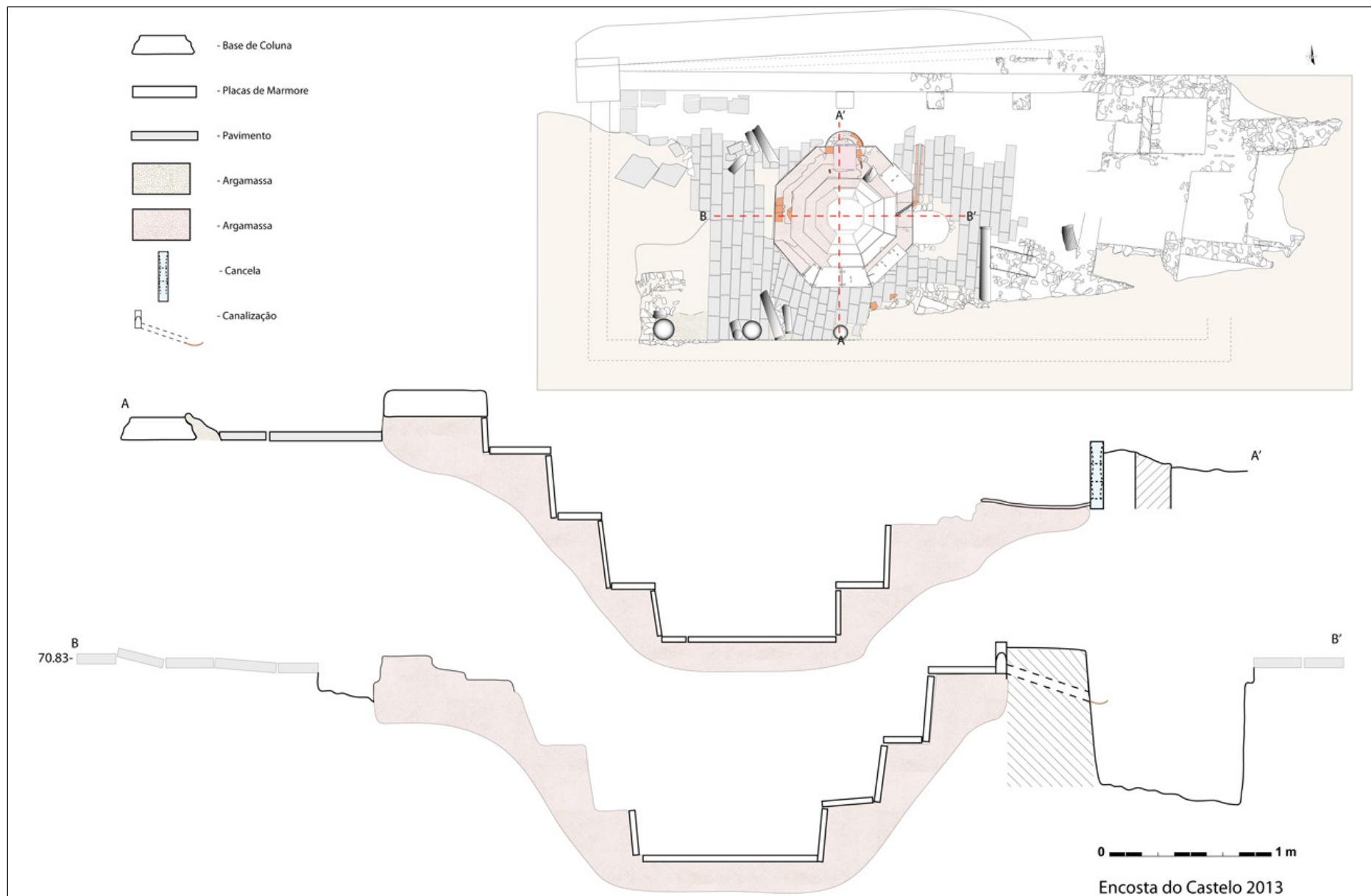


Fig. 6.

existe qualquer registo arqueológico que permita reconstituir a estratigrafia observada no local. No entanto, nesta parte do edifício, verifica-se que as estruturas, apresentam muros com uma maior largura - 70 cm - facto que pode ser relacionado com a possibilidade de existência de um espaço abobadado.

Menos claros são os limites este do edifício: por um lado, a escavação não foi ainda concluída e, por outro, o acesso ao castelo destruiu os limites desta construção. No entanto, os trabalhos desenvolvidos recentemente nesta zona apontam para a existência de um espaço retangular, ladeado pelas estruturas que suponho serem de uma cripta, tal como referido anteriormente.

OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

A quantidade de fragmentos de frescos, recolhidos nos estratos de derrubes, leva a equacionar um programa pictórico em que se destacam duas fases: a primeira com a marcação na argamassa do desenho, e a segunda, pintada a fresco, com a aplicação do pigmento, em predominam os tons de vermelho e castanho. Da composição destacam-se algumas figuras humanas, motivos geométricos e florais, e eventuais símbolos, e uma segunda pintura em que se destacam cores claras (azul). Apesar de estar longe de entender a totalidade do programa pictórico, podem ser avançadas algumas considerações: a primeira que nos parece evidente trata-se da pigmentação em tom de azul que, certamente, representa o céu e que teria um lugar central. Seguem-se as representações humanas, das quais apenas chegaram até nós três rostos perceptíveis, e um desenho de uma face sumariamente delineada, da qual só se conservam o desenho dos olhos e do nariz. Por último, vem a maioria dos fragmentos com restos de pintura, de reduzidas dimensões, o que torna a leitura deficitária, levando facilmente a interpretações duvidosas. Apesar de não conhecer o programa decorativo os restos identificáveis parecem assemelhar-se aos programas pictóricos das pinturas das catacumbas de Roma (Bourguet 1965; Nicolai, Bisconti e Mazzoleni 2000) ou com os frescos do Batistério de Barcelona. Estes últimos foram descobertos durante as escavações arqueológicas realizadas em 1979, em que foram encontrados restos de pintura nas proximidades da piscina do batistério, conservados atualmente no Museu de História de Barcelona. A composição em forma de tapete foi executada a fresco sobre um



Fig. 7.

fundo branco e com uma decoração com motivos florais que formavam parte do programa decorativo policromo característico de abobadas e tetos. Estas pinturas foram datadas arqueologicamente da segunda metade do século VI d.C. Provavelmente estas pinturas seriam da parte do ambulacro que rodeava a piscina baptismal, possivelmente como teto falso (Albiol López 2013: 164).

Os parcos materiais cerâmicos provenientes dos derrubes foram incorporados nas argamassas da construção. Trata-se de dois fragmentos de *terra sigillata* africana clara D, com bordo e aba que, pelas suas características, pode ser atribuído à forma Hayes 91B⁷; a cronologia desta variante está balizada entre 450 e a primeira metade do século VI (Hayes 1972: 144; Bonifay 2004: 177 e 203); outro com a estampilha quadrada, com barra transversais, do tipo Hayes Estilo A(iii) com datações situadas entre os anos de 350 e 450 (Hayes 1972: 241, fig. 39, n.º 67). Da mesma unidade estratigráfica provém um dos numismas encontrado durante os trabalhos arqueológicos realizados no local e, à semelhança das cerâmicas, pressupondo que provém dos derrubes das estruturas. Trata-se de um Denário de prata de *Q. Minuncius Thermus*, cunhado em Roma em 103 a. C. (Crawford 1975: 319/1)⁸, no entanto, este é um elemento cronológico que pouco ajuda na tentativa de datar a construção. Terá a moeda sido perdida, ou colocada intencionalmente no interior da construção? Estaria em uso à data da construção? Uma outra moeda provem da u.e. 036 que corresponde ao fundo da piscina baptismal, trata-se de um pequeno bronze (Æ4) Família de Constantino I (provavelmente Constans) (?), cunhada provavelmente em Roma. Para este tipo de numismas são apontadas duas cronologias: 341-346 (LRBC 1960: 16, n.º 628 a 630) e 347-348 (RIC 1981: 253, n.º 74 ou 77). Poderá ser atribuída a cronologia de 341 a 348.

A escavação arqueológica desenvolvida proporcionou um interessante conjunto de fragmentos de cancelas vazadas, decoradas com círculos secantes e interligadas por pilastrins de cancela (destes elementos apenas foi recolhido um fragmento). Os fragmentos de cancela apresentam vários tipos de mármore, com espessuras diferentes⁹ e nenhuma se apresenta completa (Fig. 7). Contudo, parece tratar-se de painéis quadrangulares, trabalhados em ambas as faces, portanto, ao contrário do que se encontra *in situ*, para serem vistos dos dois lados.

O fato de existirem dois batistérios no complexo religioso de Mértola, situados a

cerca de 25 metros de distância, leva a uma procurar de situações similares que, sem dúvida, ocorre nos conjuntos episcopais existentes Península Ibérica. Os conjuntos episcopais deste território são conhecidos através das fontes documentais, como é o caso de *Emerita*, e através das intervenções arqueológicas, como são os casos de Valentia a par de *Barcino*, *Tarraco*, *Egitania*, Córdova, no entanto, é o de *Egara* (Terrassa) o local melhor conhecido arqueologicamente. Terrassa foi uma antiga cidade romana, *Municipium Flavium Egara*, elevada a sede episcopal do século V ao século VIII. A implantação topográfica do complexo arquitetónico, e as escavações arqueológicas, vieram confirmar a existência de um grupo episcopal de grandes dimensões, no entanto não se pode ainda, com exatidão, relacioná-lo com qualquer envolvente urbana. O grupo episcopal teve fases antigas, datadas da segunda metade do século IV e da primeira metade do século V, a que correspondem uma igreja de planta retangular, à qual é acrescentado um batistério localizado detrás da abside. Coincidente com a designação de sede episcopal, esta igreja aumenta os seus volumes, passando a ter uma planta basilical de três naves e de cabeceira tripartida, com um novo batistério que substitui o anterior, construído aos pés da nave central (Gurt Esparraguera e Sánchez Ramos 2002: 325).

Os primeiros restos arqueológicos, vinculados à sede episcopal egarense, encontram-se localizados debaixo da atual igreja de Santa Maria e, no seu exterior, com vestígios de uma basílica de cabeceira retangular e com pavimentos de mosaicos e o *baptisterium*, um edifício de planta octogonal dotado de uma piscina baptismal (Palol 1967: 45-51; Guyon 1992; Godoy Fernández 1995: 212-217). Este conjunto episcopal possui dois batistérios com piscinas de forma octogonal, que se sucederam no tempo e no espaço interior do complexo episcopal.

Também em Idanha a Velha é conhecida a existência de dois batistérios que, muito provavelmente, funcionaram em períodos distintos e seriam o testemunho da remodelação e monumentalização do grupo episcopal (Gurt Esparraguera e Sánchez Ramos 2002: 326). Nesta localidade as escavações, realizadas nos anos 50 do século XX, puseram a descoberto no exterior sul da Sé, encostada à parede da nave central, o batistério dotado de uma piscina de tipo cruciforme (Almeida 1965), datado do século VII (Cristóvão 2008: 22). Possivelmente o local tinha tido, em data incerta do século VI, aquando da elevação da cidade a sede episcopal¹⁰,

um outro edifício religioso. Deste edifício restam poucos elementos construtivos no topo norte. No entanto, as escavações arqueológicas realizadas nos primeiros anos do século XX, puseram a descoberto um batistério com uma piscina retangular. Verifica-se que em ambas as piscinas batismais existem escadas laterais, constituídas por três degraus (Cristóvão 2008: 22), sendo o fundo revestido com placas de mármore.

Entre a igreja e a muralha desenvolvem-se as ruínas de construções, que têm sido interpretadas como pertencentes a um paço episcopal, construído em época visigótica (Almeida 1966: 409).

Em ambientes urbanos destaca-se o caso de Barcelona, em que são conhecidos dois batistérios que coexistem temporalmente. O primeiro que foi descoberto, no casco antigo, é constituído por uma piscina octogonal, do século IV, do conjunto episcopal, onde uma primitiva piscina do batistério é substituída por outra de planta octogonal, e que se traduz numa nova pavimentação do edifício batismal. As reformas, levadas a cabo no batistério e na área episcopal, consistiram numa nova ornamentação pictórica do edifício (Beltán de Heredia 2001: 80).

Trabalhos arqueológicos realizados em 2012, na basílica Sants Màrtirs Just i Pastor, puseram a descoberto uma piscina batismal datada do século VI. Esta estrutura está implantada dentro do antigo recinto amuralhado de Barcino; a presença da piscina na igreja permitiu conhecer a existência de dois grupos episcopais na cidade e, conseqüentemente, de dois bispos que conviveram durante os séculos V e VI: um de culto católico, com sede nesta basílica, e o outro de culto ariano, instalado na atual catedral. Esta dualidade de culto manteve-se até ao ano de 589, data final do arianismo. Segundo Júlia Beltrán de Heredia, estes achados convertem Barcelona na única cidade mediterrânea, a par de Ravena, onde conviveram dois núcleos episcopais¹¹.

Na basílica de Tingad foram registadas três pias batismais (Khatchatrian 1962: 27, nº. 213). Na igreja do monte Nebo existem dois batistérios, um situado à esquerda e datado de 531, e um outro localizado à direita e datado de 597 (Piccirillo 1989a: 1733, fig. 27).

Em Son Peretó (Maiorca) o espaço dedicado ao batismo é um dos pontos mais

polémicos dos últimos anos, pelo problema suscitado devido ao facto de existirem duas piscinas no mesmo recinto, levou a várias interpretações: P. Palol, que desenvolveu trabalhos arqueológicos no local, sustenta a opinião de que as duas piscinas correspondiam a duas fases distintas da igreja no entanto, defendeu ultimamente, a possibilidade do uso simultâneo de ambas as piscinas, argumentando que normalmente, quando se reforma ou se substituem as piscinas batismais, se constroem sobre a primeira e, no mesmo local, como pode comprovar-se nas reformas ocorridas nos batistérios de Barcelona ou de Sevilha (Palol 1994a: 22). No que diz respeito a este caso, N. Duval e C. Godoy Fernández têm diferente opinião, não creem que estas duas piscinas, tão próximas e num espaço tão reduzido, pudessem ter uma funcionalidade contemporânea (Duval 1994: 207; Godoy Fernández 1989a: 630-632, e Godoy Fernández 1995: 160).

Estatisticamente chama-se à atenção para que a quarentena¹² de batistérios hispanos conhecidos, apenas cinco se situam em ambientes urbanos como o batistério do complexo episcopal de Barcelona (dois batistérios), Valencia, Ergara (Terrassa), Idanha a Velha (dois batistérios) Sevilha e (Ripoll e Velázquez 1999: 122-123; Carbonell: 2012, 59) e em Mértola. Também é interessante constatar que, grande parte dos batistérios se situam aos pés dos templos. Outra constante Hispânica, documentada em outras geografias, é a presença de degraus para baixar até à base da piscina batismal, característica arquitetónica que aparece referenciada na literatura hispânica referente à liturgia específica do batismo (Godoy Fernández 1995: 340-342; 2004: 481).

Em termos cronológicos, pela conjugação dos diversos dados elencados, parece plausível que o batistério II se possa situar a partir da segunda metade do século V d.C., não excluindo a possibilidade de se manter em funcionamento nas centúrias seguintes e ter sido contemporâneo do anteriormente descoberto. É, portanto, necessário, como refere L. Caballero, estudar estes edifícios num sentido diacrónico e não estático (Caballero 1994: 332).

De acordo com o que tenho vindo a abordar, parece-me que este edifício se pode integrar num grupo de construções cristãs, do tipo basilical, com uma nave e com a cabeceira tripartida. Este tipo de edifício poderá ter origem nas basílicas de três naves e cabeceira tripartida. Este modelo, cuja origem está nas formas arquitetó-

nicas criadas pelos arquitetos da Síria do norte, e que foi progressivamente difundido para o Norte de África e daí para as Ilhas Baleares e o Levante espanhol e, ao que tudo indica, para a Bética e a Lusitânia (Palol 1967: 6). Este grupo, segundo P. Palol, situa-se entre os templos mais antigos da Hispânia enquadrando-se “dentro desta amplíssima província mediterrânica...” (Palol 1967: 6). “Desenvolve-se desde um período muito antigo, a partir do século IV, apesar do seu momento de esplendor se situar em pleno século V. Apresenta uma evidente unidade tipológica, sendo característica do grupo a sua disposição basilical e a sua cabeceira tripartida fechada no exterior por um muro reto. As naves separadas por colunas ou pilares e a cobertura apoiada sobre arcos. O altar, diante da ábside, rodeado de cancelas e nesta o banco peresbiterial.” (Fernández Gómez *et al.* 1987: 186).

Assim sendo, penso que posso sintetizar a argumentação nas seguintes vertentes: a escassez de casos conhecidos de *frigidarium* com esta configuração; tratando-se de termas a renovação da água deveria fazer-se regularmente, o que implicava um trabalho acrescido para fornecer água em abundância, não sendo conhecida qualquer cisterna situada a uma cota superior; o tipo de pavimentação, com lajes de calcário, não é próprio de instalações termais onde predominam os pavimentos em tijolo; não tenho qualquer informação acerca do *caldarium* ou o *tepidarium* das eventuais termas.

Pelas várias razões expostas penso que esta estrutura está relacionada com a prática batismal, o que fundamento através do seguinte: os fragmentos de cancelas encontrados nos derrubes e *in situ*, relacionam-se mais com a temática decorativa do dito período “Visigótico” e menos do mundo romano, onde predominam os motivos em arcos ou os reticulados quadrangulares; o programa decorativo dos frescos, mais próprios do ambiente religioso; a planta do edifício, com uma nave retangular e a cabeceira possivelmente tripartida; os materiais arqueológicos provenientes dos derrubes das estruturas; o facto de esta construção recorrer a materiais romanos reutilizados, nomeadamente os silhares de mármore elementos das colunas (bases fustes e eventuais capiteis), e pela incorporação no aparelho construtivo de elementos marmóreos.

Frigidarium ou *Baptisterium*? As duas hipóteses são válidas pois existem construções que se assemelham e que estão relacionadas com conjuntos termais. Exis-

tem casos de estruturas termas com a configuração octogonal embora, no que concerne ao território peninsular, parece que a forma circular foi a mais utilizada, vejam-se os representativos casos do *frigidarium* de Conímbriga e do *laconicum* de Évora (Reis 2004: 64, fig. 14a e 71, fig. 22).

Na obra de Dora Levi (1947), dedicada a vários conjuntos arquitetónicos romanos e tardo-romanos da cidade de Antioquia e dos seus arredores, na antiga província romana da Síria, hoje território da Turquia, mostra-se um dos conjuntos arquitetónicos que apresenta semelhanças formais com as estruturas de Mértola, tratando-se de uma grande sala octogonal do Balneário C de Antioquia. Num dos principais salões existe um *frigidarium* com a forma octogonal, com quatro absidiolos laterais. Trata-se, pois, de um balneário de tipo imperial, datado de cerca de 350 d.C. (Levi 1947: fig. 118; Pessoa 2011: 260, fig. 20). Contudo esta estrutura apenas possui um degrau interior na piscina octogonal e estava revestida com painéis musivos, com uma temática decorativa constituída por círculos secantes e reticulados.

Apesar da escavação do edifício não estar ainda concluída, é possível apontar para a sua construção para um *terminus post quem* situado a partir de 356/358, data da moeda encontrada no fundo da pia batismal. Na decoração a fresco que encontramos, apesar de não conhecermos na íntegra o programa decorativo, as figuras identificadas possuem paralelos com as pinturas das catacumbas de Roma ou com os frescos do Batistério de Barcelona datados do século VI. Contudo a decoração das cancelas remete-nos para os finais do século VI e para centúria seguinte.

As dimensões da piscina só tem paralelo no batistério de Marselha e ultrapassam claramente os exemplos de Liubliana ou Barcelona, para referir os que mais se assemelham ao caso de Mértola, sendo de salientar que o batistério de Barcelona também estava decorado com frescos.

Defendo pois que todo este conjunto, de nítida influência bizantina e ravenaica, teria funcionado entre o século V e o século VIII (Fig 8).

Mais claro parece estar o abandono do batistério onde a sequência estratigráfica demonstrou uma sequência de abandono e de rutura estrutural do edifício que teve uma derrocada com a maioria dos fragmentes de frescos com a face voltada para baixo, caídos sobre as cancelas e posteriormente com os elementos constru-

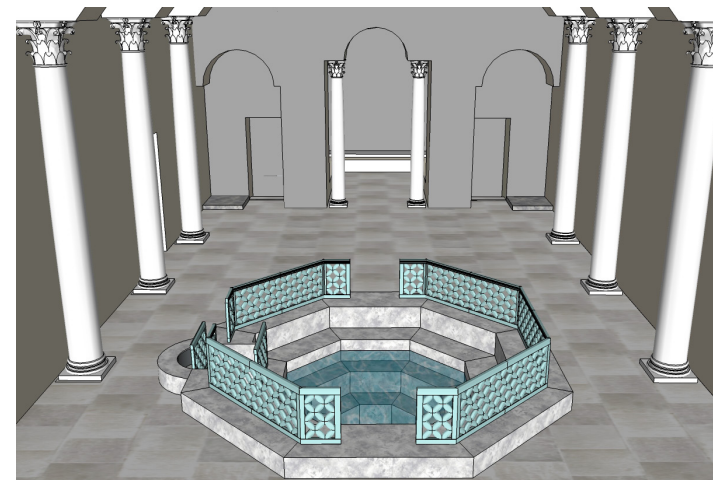


Fig. 8.

tivos da cobertura, possivelmente em abóbada, e das paredes. Posteriormente a parte oeste desta piscina foi alvo de reutilização no período islâmico.

Mértola, Fevereiro de 2014

NOTAS

1. SFRH/BD/69597/2010
2. Tendo o designado silo 4 uma profundidade de 1,80 m e o silo 5 uma profundidade de 1,95 m.
3. O primeiro degrau tem uma altura de 32 cm; segundo e terceiro com altura de 41 cm; e o quarto com 34 cm.
4. Com 1,35 cm de lado.
5. O mais pequeno situado no extremo noroeste do edifício com as medidas interiores de 2,03 m de comprimento por 1,80 m. de largura, a que se acedia por um pequeno corredor com escadas, da quais só se conservam dois degraus. O alçado sul, o melhor conservado possui uma altura de 2,26 m., altura suficiente para criar uma cripta.
6. Cota do pavimento de lajes de calcário: 70,82 m e a cota do pavimento do compartimento retangular: 68,56 m.
7. Este fragmento provem da u.e. 016.
8. <http://davy.potdevin.free.fr/Site/crawford4.html> 27/5/2013; no reverso, no exergo, possui a legenda [Q]THERM.MF, diâmetro 18mm, espessura 2 mm e peso 3,39 gr.
9. Que variam entre: 4,8 e 8,8 cm.
10. A este propósito refira-se que o bispo egitaniense assina as Atas do chamado Concílio de Lugo, realizado em 569 (Almeida 1966: 410).
11. <http://w110.bcn.cat/portal/site/CiutatVella/menuitem.5d5fd988862d03d826062606a2ef8a0c/?vgnnextoid=1158e184f394c310VgnVCM10000072fea8c0RCRD&vgnnextfmt=formatDetall&> 16/01/2013.
12. São conhecidos 43 batistérios, neste cômputo estão incluídos o novo batistério

rio de Barcelona e os dois de Mértola.

BIBLIOGRAFÍA

Albiol López, E. (2013): “Una Pintura de sostre de L’antiguitat Tardana al Batisteri de Barcelona”. *Quarhis Quaderns D’Arqueologia I Història de la Ciutat de Barcelona*, Epoca II, Núm. 9, Barcelona: 164-183.

Almeida, F., (1966): “Um “palatium episcopi” do séc. VI em Idanha-a-Velha (Portugal)”, *IX Congresso Nacional de Arqueologia*, Saragossa: 408-411.

Beltrán de Heredia, J., (2001): *De Barcino a Barcinona (siglos I-VII). Los restos arqueológicos de la plaza del Rey de Barcelona*, Barcelona.

Bonifay, M. (2004): *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*, BAR International Series, 1301, Oxford.

Bourguet, P. (1965): *La peinture paléo-chrétienne*, Port Royal, 3, Suíça.

Caballero Zoreda, L. (1994-95): “Un canal de transmisión de lo clásico en la alta Edad Media española. Arquitectura y escultura de influjo omeya en la Península Ibérica entre mediados del s. VIII e inicios del X”, *Al-Qantara*, 15, 321-348 y 16, 107-124.

Crawford, M. H. (1975): *Roman Republican Coinage*, Cambridge University Press

Cristóvão, J. (2002): *As muralhas romanas de Idanha-a-Velha*, tese de mestrado Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, [Texto policopiada].

Cristóvão, J. (2008): *A aldeia histórica de Idanha-a-Velha*, 2ª ed., Câmara Municipal de Idanha-a-Nova

Duval, N. (1994): “La place des églises des Baléares dans l’Archéologie Chrétienne de la Méditerranée Occidentale”, *III Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispánica* (Maó, 1988), 203-212.

Fernández Gómez, F., Sierra Fernandez, J. e Lasso de la Vega, M.. G. (1987): “La basílica y necrópolis paleocristianas de Gerena” *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 29, 103-201.

Godoy Fernández, C. (1989): “Baptistérios Hispánicos (Siglos IV al VIII). Arqueologia y Liturgia”, *Actes du Xie Congrès International D’Archéologie Chrétienne*, Collection

de L'École Française de Rome, 123, Vol. I. 607-635.

Godoy Fernández, C. (1995): *Arqueologia y Liturgia. Iglesias Hispánicas (Siglos IV al VIII)*, Universitat de Barcelona, Barcelona.

Godoy Fernández, C. (2004): "A los Pies del Templo. Espacios litúrgicos en contraposición al altar: una revisión", *Antigüedad y Cristianismo. Sacralidad y arqueología*, XXI, Universidad de Murcia, Murcia, 473-489.

Gurt I Esparraguera, J., Sánchez Ramos M., I. (2002): "Topografía Cristiana en Hispania durante los siglos V y VI", *El tiempo de los "bárbaros" pervivencia y transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.)*, Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, 321-345.

Guyon, J. (1991): "Le baptême et ses monuments", *Naissance des Arts Chrétiens*, Ministère de la Culture, Paris, 70-87.

Hayes, J. W., (1972): *Late Roman Pottery*, The British School at Rome, Londres.

Hill, P. V., Kent J. P. C., Carson R. A. G. (1965): Late Roman Bronze Coinage: AD 324-498. *The bronze coinage of the House of Constantine, AD 324-346. Bronze Roman Imperial coinage of the later Empire, AD 246-498*, Partes 1-2. London: Spink & Son, (LRBC).

Khatchatrian, A. (1962): *Les Baptistires Paléochrétiens*, École Pratique des Hautes Études, Paris.

Levi, D. (1947): *Antioch mosaic pavements*, (2 vol), Princeton, Princeton University Press

Macias, S. (1992): "Silos 4 e 5 de Mértola – proposta de datação do espólio cerâmico", *Arqueologia Medieval*, nº 1, CAM/Afrontamento, Porto, 35-38.

Nicolai, F. V., Bisconti, F. E Mazzoleni, D. (2000): *Les Catacombes Chrétiennes de Rome*, Brepols Publishers, Turnhout.

Palol Salellas, P. de, (1967): *Arqueologia cristiana de la España Romana (siglos IV al VI)*, CSIC, Instituto Enrique Florez, Madrid-Valladolid, Madrid.

Palol Salellas, P. de (1994): "L'Arqueologia cristiana hispanica després del 1982", *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica (Maó, 1988)*, Barcelona, 3-40.

Pessoa, M. S. F. (2011): *Villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal - Um centro na*

periferia do Império e do Território da Ciuitas de Conímbriga. Função e contexto no âmbito da Arte e Sociedade da Antiguidade Tardia - Estudo de Mosaicos. Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [texto policopiado].

Piccirillo, M. (1989): "Recenti scoperte di arqueologia Cristiana in Giordania", *Actes du XI Congrès Internatinal D'Archeologie Chrétienne*, Collection de L'École Française de Rome, vol. II, Roma, 1697-1736.

Reis, M. P., (2004): *Las termas y balnea romanos da Lusitânia*, Stvdia Lusitana, 1, Ministerio da Cultura, Mérida.

Ripoll, G. , Velázquez I., (1999): "Origen y desarrollo de las parrochiae en la Hispania de la antegüedad tardía", *Alle origini della parrocchia rurale (IV-VIII sec.)*, (eds. Philippe Pergola, P. Maria Barbini), Pontificio Istituto di Archeologia Cristiana, Vaticano, 101-165.

Sales Carbonell, J., (2012): *Las construcciones cristianas de la Tarraconensis durante la Antigüedad Tardía*, Publicacions I Edicions, Univessitat de Barcelona